



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



MIRIAN REGINA DE CARVALHO

**LITERATURA INFANTIL:  
POSSIBILIDADES DE TRABALHOS COM BEBÊS E A PRIMEIRA INFÂNCIA**

Uberlândia - MG

2021

MIRIAN REGINA DE CARVALHO

**LITERATURA INFANTIL:  
POSSIBILIDADES DE TRABALHOS COM BEBÊS E A PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Pedagogia

Orientadora: Dra. Fernanda Duarte Araújo Silva.

Uberlândia - MG

2021

Dedico este trabalho e a graduação ao meu esposo Luciano pela entrega incondicional, pelo apoio e principalmente por suprir inúmeras vezes a minha ausência junto às nossas filhas Mariana e Laura, que mesmo sem entender, são minha motivação e também merecem essa dedicação, e sobretudo, dedico à Deus por me fazer senti-lo a cada passo desses anos de formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora professora Dra. Fernanda Duarte Araújo Silva pela docilidade e entendimento com a qual conduziu essa orientação, sugerindo e motivando sempre, em cada etapa;

Às amigas do grupo de mensagens, as meninas super poderosas (mais uma vez), amigas e futuras pedagogas, que tornaram a jornada mais leve;

Aos amigos e à minha família pelo incentivo e entendimento da ausência total e recusa dos convites enquanto objetivava a construção desse trabalho.

“[...] Nós só queremos convidar você a descobrir um mundo maravilhoso, dentro do mundo em que você vive. Este mundo é a leitura. Está à disposição de qualquer um, mas nem toda gente sabe que ele existe, e por isso não pode sentir o prazer que ele dá. [...] E aí começa a alegria da leitura, que vai longe. Ela nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Daí por diante a leitura ficará sendo um hábito, e esse hábito leva a novas descobertas. Uma curtição. [...] Há um infinito de coisas deliciosas que só a leitura oferece, e que você irá encontrando sozinho, pela vida afora, na leitura de bons livros. Boa sorte, e um abraço para você, de seus amigos cronistas.”

Carlos Drummond de Andrade / Fernando Sabino  
/ Paulo Mendes Campos / Rubem Braga

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU e objetiva apresentar minha trajetória pessoal e acadêmica e dialogar sobre a importância da Literatura Infantil para bebês e crianças pequenas na Educação Infantil. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e o instrumento utilizado para construção dos dados foi a pesquisa bibliográfica. Visto que a escola é o local privilegiado de acesso à leitura literária, a pesquisa buscou elencar a importância da realização do trabalho com a leitura de modo que favoreça a interação das crianças não só com a narrativa, mas também com o livro, que é capaz de estimular a imaginação e o interesse pela leitura, além de auxiliar na formação integral dessa criança. Em linhas gerais, o trabalho apresenta que o professor/a possui uma função primordial para que seja instituído o acesso à leitura e ao livro na Educação Infantil, de forma primordialmente lúdica, como construção na formação do leitor literário.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Educação Infantil. Leitura. Formação do leitor.

## **ABSTRACT**

This work was developed in the Pedagogy course at the Federal University of Uberlândia - UFU and aims to present my personal and academic trajectory and discuss the importance of Children's Literature for babies and very young children in Early Childhood Education. The methodology used was qualitative in nature and the instrument used for data construction was a bibliographic research. Since the school is the privileged place to access literary reading, the research sought to list the importance of carrying out the work with reading in a way that favors the children's interaction not only with the narrative, but also with the book, which is capable of to stimulate the imagination and interest in reading, in addition to helping in the integral formation of this child. In general terms, the work shows that the teacher has a primary role in establishing access to reading and books in Early Childhood Education, in a primarily playful way, as a construction in the formation of the literary reader.

**Keywords:** Children's Literature. Child education. Reading. Reader training.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>MEMORIAL DESCRITIVO: DE AMANTE DA LITERATURA À FORMAÇÃO DE LEITORES PELA PEDAGOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: POSSIBILIDADES DE TRABALHOS COM BEBÊS E A PRIMEIRA INFÂNCIA.....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>



## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o curso de graduação de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, durante o ano de 2021.

O objeto de pesquisa escolhido foi a literatura infantil para bebês e crianças de até três anos nas instituições de Educação Infantil. A escola é o local privilegiado (e talvez o único) de acesso à leitura literária da maioria de bebês e crianças, e o objetivo central da pesquisa foi identificar bibliografias que abordem a importância da leitura de histórias para bebês e crianças pequenas, de modo que favoreça a interação não só com a narrativa, mas também com o objeto do livro, estimulando a sua imaginação e interesse pela leitura.

A literatura infantil deve fazer parte da infância desde o nascimento, e na escola pode auxiliar na formação integral da criança, na sua identificação pessoal, criatividade, percepção de mundo entre outros elementos que constroem não só o sujeito, mas seu interesse pela leitura (MILLIAVACA, 2019).

A metodologia utilizada nesse trabalho foi de natureza qualitativa recorrendo à pesquisa bibliográfica como instrumento a fim de elencar além do citado acima, como o trabalho do/a pedagogo/a é essencial para que a criança, desde bem pequena desenvolva o interesse pela leitura e pelo objeto do livro, de maneira que essas crianças possam se constituir como leitor literário desde o nascimento, e também quando adentram o espaço escolar. Mota (2019, p.1) afirma que o estudo do tema “é o ponto inicial de uma pesquisa, por meio dele verificamos e aprofundamos o conhecimento registrado pelos pesquisadores no mundo”.

Utilizo também do memorial como opção metodológica que, segundo Sá e Mello (2009), possibilita que o próprio autor, com suas experiências, encontre apoio nas indagações norteadoras para uma melhor investigação e aprofundamento necessário do tema, utilizando-se então da própria narrativa como fonte de aprendizado, pois como enfatiza Souza e Cabral (2015), essa narrativa sempre é carregada de subjetividade e se torna objeto capaz de proporcionar uma melhor problematização e reflexão da prática profissional, sobretudo no processo de profissionalização docente.

Buscamos realizar então estudos sobre a literatura infantil e a importância do trabalho com o livro nessa etapa de desenvolvimento, já que o trabalho com leitura literária é algo que sempre me motivou e me vi ainda mais entusiasta dessa prática quando o curso de Pedagogia começou a apresentar o pedagogo/a como formador de leitor.

Esse trabalho, então, centrou-se em pesquisar o trabalho com a literatura infantil para bebês e crianças pequenas, tendo como base as seguintes questões que nortearam a sua construção: O que é literatura infantil? Qual a principal finalidade da literatura infantil na escola? Qual importância da leitura literária para bebês e primeira infância? Quais as possibilidades de trabalho de literatura infantil com bebês e crianças? Qual a importância da leitura na formação do leitor literário?

O trabalho está organizado da seguinte maneira: esta introdução que aborda a delimitação da pesquisa, os objetivos, a opção metodológica e as questões norteadoras para a realização da pesquisa. Em seguida o Memorial, onde apresento minha trajetória de formação pessoal e a escolha do tema deste trabalho, seguido pela fundamentação teórica abordando a infância, a literatura infantil e sua importância nos primeiros anos de vida das crianças, assim como as possibilidades de trabalho do professor com bebês e primeira infância na Educação Infantil com vistas na formação do leitor literário; por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas na pesquisa.

## **MEMORIAL DESCRITIVO: DE AMANTE DA LITERATURA À FORMAÇÃO DE LEITORES PELA PEDAGOGIA**

Tecer um memorial vai além de realizar um resgate da própria história, significa um resgatar-se a si mesmo, pois a rotina diária acaba impedindo a reflexão sobre os processos que vão construindo quem somos e ter essa oportunidade em um curso de graduação, sobretudo de formação docente me fez refletir o quanto o meu caminhar foi me conduzindo até aqui, e de repente percebo que não haveria outro destino a mim reservado, senão o de ensinar.

Para Bergson (1999, apud GUIMARÃES, REZENDE e BRITO, 2012) existem dois tipos de memórias, uma totalmente espontânea e involuntária, que surge de lembranças que irrompem independentes da nossa vontade, naturalizada em detalhes conservados ao seu exato lugar e data, e outra, voluntária, uma memória aprendida, que vai sendo desenhada conforme as experiências, se fazendo presente à medida que propomos o seu resgate e que pode aos poucos ir se tornando cada vez mais pessoal.

É exatamente assim que me encontro na atualidade, buscando e escolhendo voluntariamente lembranças para trazer à consciência ao mesmo tempo em que, inconscientemente, como quem vivencia um sonho, vou me esbarrando em outras passagens da minha vida das quais eu não sabia que ainda permaneciam tão vivas nas lembranças.

Para iniciar, compartilho que sou do interior paulista com um sotaque quase mineiro já que fazemos divisa com este estado. Sou nascida e criada em uma cidadezinha com menos de cinco mil habitantes e que oferece educação pública do berçário até o último ano do Ensino Médio, não possuímos escolas particulares, nem curso superior ou profissionalizante, sendo assim, o município oferece transporte gratuito para cidades vizinhas aos alunos que desejam continuar os estudos.

Cursei a Educação Infantil e parte do Ensino Fundamental na minha cidade de origem, e com pesar digo que não tenho muitas lembranças vívidas sobre os professores e o meu aprendizado, porém, de uma coisa eu me lembro bem, do quanto eu gostava de ir para a escola. Lembro-me como se fosse ontem de um episódio que aconteceu na primeira ou segunda série do Ensino Fundamental em que eu estava doente e a professora, por segurança, recusou-se a me deixar ficar na sala de aula, e eu fui embora chorando, pois não queria perder aula.

Para enriquecer meu rol de memórias recorri à minha mãe, que lembrou com risadas do quanto ficava brava por eu querer mostrar a todo momento que já sabia ler, lendo todos os

rótulos que eu via, muros pintados, placas nas ruas e ela, que não possui muita paciência só esperava até que eu terminasse pois não tinha outra alternativa: “eu lia, que lia, que lia”.

Sempre gostei muito de ler, mas não consigo precisar qual foi o primeiro livro que li na escola e sei que na minha casa nunca houve muitos livros e nem revistas, no entanto lembro-me da minha mãe lendo livros de romance, e o primeiro livro que tomei emprestado com ela ainda tenho na memória: “Violetas na Janela” de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. E justamente me interessei em lê-lo porque a autora possuía o mesmo sobrenome que o meu, e enquanto o lia eu conversava por horas com a minha mãe sobre a história e o que entendi dela.

Outro fato curioso é que, segundo minha mãe, eu pedi insistentemente para ter uma violeta na janela assim como a da capa do livro, e percebo hoje, o que aconteceu naquela época, a relação criada entre autor e leitor da qual fala Raimundo (2007), sobre um diálogo que abre espaço para a subjetividade e criatividade além de incentivar a leitura coletiva facilitando entre outras coisas, a interação entre as pessoas.

Seguindo com a minha história pessoal, na quarta série do Ensino Fundamental tive que mudar de escola, por conta do trabalho do meu pai fomos morar em um Distrito não muito longe da minha cidade de origem, cerca de 15km.

Foi nessa escola que terminei o Ensino Fundamental eleita pelos professores e diretora escolar como a “melhor aluna da turma” e assim garantindo o direito de uma bolsa de estudos em uma renomada escola privada na cidade, bolsa que eu recusei na época, pois quis continuar os estudos com minhas amigas que foram para a escola pública, pois nessa época construí verdadeiros laços de amizade que perduram até hoje.

Minha brincadeira favorita sempre foi fazer de conta que eu era professora, seja das bonecas ou dos meus dois irmãos mais novos, e carregando essa brincadeira para a vida, sempre que eu entendia o conteúdo explicado pelos professores eu me dedicava ao máximo para que meus colegas de classe entendessem também, e parava minhas atividades para explicar a eles de maneiras diferentes, até que entendessem.

Fui uma aluna competitiva, querendo sempre alcançar as maiores notas e me entusiasmava ao máximo para isso, no entanto, a competição não era com as colegas de classe, era comigo mesma, e eu fazia o que estivesse ao meu alcance para que minhas amigas se encorajassem também para que tirássemos juntas as melhores notas, mas hoje concordo com Santos e Varela (2007), a avaliação tem em sua maior parte uma função classificatória, que ao invés de auxiliar o aluno em um processo reflexivo e que o faça retornar à própria

avaliação, acaba sendo um julgamento padronizado, fazendo então com que, enquanto alunos, busquemos as notas maiores para sermos considerados a um nível maior.

E sendo assim eu propunha grupos de estudos e organizava tudo para irmos à biblioteca estudar juntas para buscarmos as notas que nos classificariam bem. E, essas são minhas melhores lembranças, da Biblioteca Sinhá Junqueira, que ficava separada da escola e era onde eu adorava passar meu tempo, sozinha ou acompanhada das amigas, fosse lendo ou só apreciando o lugar.

Fazendo um intervalo no relato, pouco pude contar com a presença física dos meus pais na escola, sempre que havia alguma reunião escolar de pais e mestres eles não compareciam e na época também a escola não os cobrava, pois a presença mais solicitada sempre era dos pais de “aluno problema”, posso dizer que me fazia falta esse contato, mas hoje percebo que essa falta se teve justamente pela cultura de que familiares de alunos “bons” não são chamados à escola.

No entanto, meu pai e minha mãe se faziam presentes de outra forma, como por exemplo, incentivando meu hábito à leitura, comprando as enciclopédias que nunca usaríamos na escola e que vendedores as vezes mal intencionados acabavam me ludibriando, e como leitora, conseguia convencer meus pais pois mesmo que não fossem livros de literatura, a mim importavam que eram livros e eu os poderia chamar de meus.

A respeito do meu tempo na biblioteca que mencionei anteriormente, havia lá uma bibliotecária geral e uma auxiliar que ficava na parte infantil, distribuindo desenhos para que a gente colorisse, mas o que me interessava mesmo eram os gibis da turma da Mônica, passava horas por ali, lendo tudo que me estivesse disponível; eu ficava tanto tempo na biblioteca que me tornei a “ajudante” da auxiliar de biblioteca: distribuía e recolhia os desenhos das outras crianças, organizava as prateleiras de gibis e livros infantis, entre outras atividades que envolviam a organização do espaço, e eu amava tudo isso.

Melo e Neves (2005) falam em seu artigo sobre a importância da biblioteca na formação do indivíduo como leitor, desde pequeno, dizendo que o contato com o livro auxilia tanto na produção de conhecimento como no repertório cultural, inclusive da biblioteca infantil, que segundo as autoras deve ter como principal objetivo o despertar do gosto pela leitura, e talvez seja por isso, que é justamente desse espaço que eu carrego as lembranças mais nítidas, lembrando inclusive do sentimento de felicidade que me permeou quando pude ter acesso ao que eu chamava de “livros de verdade” da biblioteca, evoluindo da área infantil para a parte em que abrigava um acervo incrível de literatura nacional e internacional, além de enciclopédias didáticas.

Hoje essa biblioteca se tornou um Museu que abriga além dos livros, boa parte do que pertenceu à casa dos fundadores da usina de açúcar e álcool Sinhá Junqueira.

Outra particularidade que carrego comigo desde esses tempos é de querer ter a posse dos livros que eu leio, e frequentemente eu levava bronca por demorar mais tempo que o permitido com o livro que tomei emprestado. Havia uma ficha de empréstimo para cada livro e sempre que ele passava por minha mão, era certo que eu receberia uma advertência, pois mesmo terminando de ler, ainda o queria por perto, diferente da Universidade onde as multas eram em dinheiro, e então comecei a obedecer a data da devolução.

Mas, esse é um traço da minha personalidade com os livros, se alguém me empresta um, eu devolvo claro, mas se eu gostei, compro uma edição. E por esse hábito em particular é que possuo em meu acervo alguns livros que aparentemente estão intactos, pois já os li sendo de outra pessoa e comprei porque dessa forma a história permanece comigo. Alguns leitores não tomam isso como sendo boa coisa, pois tem a visão de o que o livro precisa circular de mãos em mãos, pois assim a leitura continua viva, mas sendo coisa minha, me permito guardá-los com todo carinho, e certa de que, com duas filhas, terei herdeiras para esses livros e poderemos compartilhar juntas as mesmas aventuras literárias.

Não tenho certeza para precisar em qual momento a leitura se tornou tão importante em minha vida, qual professor mais me motivou, mas me lembro do carinho que a bibliotecária e a auxiliar que mencionei acima tinham para comigo e com os livros do acervo, uma sensação de acolhimento que posso sentir até hoje quando tomo um livro para ler, então, acredito fortemente que esse espaço da biblioteca, com o mediador da leitura que ame os livros assim como a leitura, faça toda diferença no ato do desenvolvimento e formação do leitor, sobretudo quando acontece no espaço escolar, já que poucos alunos, principalmente crianças, têm acesso a bibliotecas fora desse espaço.

Como estudante da escola pública, consegui ingressar e concluir o curso de Nutrição em uma universidade privada, presencial, com bolsa de estudos. Nela frequentava muito a biblioteca, todo o meu tempo livre com aulas vagas era lá que eu passava, tanto que me apelidaram “rata da biblioteca” – quem achar a Mirian? Procure-a na biblioteca.

Então, acredito que, frequentar a biblioteca no dia a dia, ainda criança, tomando os livros (na época gibis) quase como uma divertida brincadeira, sem grandes exigências, passear por ela, me encantar até mesmo com a sua estrutura e organização me tornou uma leitora mais assídua que viaja pela imaginação e que verdadeiramente ama ler, o que me faz hoje concordar com Melo e Neves (2005, p.2) quando dizem que

a biblioteca infantil é um espaço lúdico por excelência, pois é o lugar de brincar com os livros e com as letras, do faz de conta, do contar e do ouvir histórias. É o local onde se pode dançar, desenhar e ouvir músicas, ela deve ser um convite a brincadeiras, viajar no mundo da imaginação.

E tendo ainda esse sentimento, foi que optei por fazer o Curso de Pedagogia, principalmente depois que me tornei mãe, fez aflorar ainda mais o desejo em estudar sobre a educação e de pesquisar sobre as possibilidades de trabalho com literatura infantil, inclusive na disciplina de PIPE IV – Projetos Integrados de Práticas Educativas IV fomos convidados a elaborar um projeto e o título da minha pesquisa foi: “A importância da contação de histórias como incentivo à formação de leitores na alfabetização” onde tive a oportunidade de vivenciar na prática o quanto as crianças, principalmente as que ainda não sabem ler convencionalmente, interagem com o mediador da leitura e com a história em si.

Com esse projeto também tive a oportunidade de entender que a leitura literária deve fazer parte do lúdico que abarca a infância sendo de tal forma que essa prática, com o planejamento adequado, favoreça o desenvolvimento e naturalmente vá ampliando esse acesso da criança com o universo literário.

Nesse sentido ainda, a disciplina Expressão Lúdica me possibilitou compreender mais sobre o brincar tão necessário em todas as fases da infância, mais especialmente na fase em que as autoras Silva e Resende (2018) chamam de primeiríssima infância, onde apontam os bebês como aqueles que brincam e interagem com os objetos e com os sujeitos, utilizando-se “dos objetos da cultura, em suas múltiplas manifestações artísticas, técnicas e instrumentais” (SILVA E RESENDE, 2018, p.34), e fiquei pensando que mesmo que eu ainda não soubesse ler, a inclusão do livro, na minha vida, como instrumento do brincar, foi importante e com certeza deve ocorrer desde a entrada da criança na escola, mesmo ainda no berçário, já que segundo Ruth Rocha (2002, apud SILVA E RESENDE, 2018) a criança tem direito aos livros, assim como ao pão.

Recentemente, já no último ano da graduação tive a oportunidade de participar de um Curso de Extensão: 'Pé de Arte - Oficina de Contação de história', desenvolvido pelo grupo de Produções Artísticas Pé de Arte do Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, tendo o imenso prazer de mergulhar nesse universo que envolve as possibilidades de interação da tríade leitor-história-ouvinte, ficando cada vez mais entusiasmada em pesquisar sobre a importância da leitura literária para bebês e crianças pequenas como um dos primeiros movimentos propícios à formação do leitor.

Como visto a leitura sempre esteve presente em minha vida, no entanto foi muito mais por escolha do que por apresentação, e percebo o quanto essa não apresentação, a falta de contato com os livros desde a infância faz falta na vida da maioria das pessoas que dizem “não gostar de ler”, e sinceramente, acho isso muito triste, pois a leitura abre os nossos olhos para tantos assuntos, lugares, pessoas e mundo, sobretudo em uma época onde as informações são lançadas a nós em velocidade surreal, o hábito da leitura evita inclusive o compartilhamento de notícias falsas.

Afirmo também que a pedagogia me escolheu, pois desde sempre me vejo buscando caminhos para que o aprendizado seja leve, o meu ou de quem estivesse à minha volta, mas saliento mais uma vez que depois da maternidade é que pude perceber a didática envolvida em todo o processo de desenvolvimento infantil, sendo necessário - como disse o professor da disciplina Psicologia I - ter uma atenção especial à criança e a fase na qual ela se encontra para que o aprendizado aconteça, já que desde antes mesmo de aprender a falar, os bebês interagem, se comunicam e se expressam (PRADO, 2011).

E então por que não aproveitar tamanho interesse por novidade para apresentar-lhes o livro e a literatura, mas de maneira que gere o interesse em saber da história, tal como fez Paulo Mendes Campos em sua crônica na coluna “Para gostar de ler”, que consta hoje no Portal da Crônica Brasileira, onde escreve à Maria da Graça (recém entrando na adolescência) para presentear-lhe com o livro, recomendando-lhe lindamente a leitura de “Alice no país das maravilhas” (CAMPOS, 1979), fazendo com que o livro ganhasse vida frente à leitora antes mesmo dela abri-lo, e lendo essa recomendação/apresentação até eu, que já li esse livro, fiquei com vontade de lê-lo novamente.

Sou uma mãe leitora e minhas filhas, uma com oito anos e outra com treze meses sempre tiveram acesso a livros e à leitura literária desde o nascimento, e hoje na terceira série do Ensino Fundamental I posso dizer que minha primogênita é uma leitora que adora ler e recontar as histórias que lê, no entanto, pedagogicamente/didaticamente falando, não gosta da didática envolvida nos exercícios de leitura exigidos pela escola pois ‘odeia’ (nas palavras dela mesma) desenhar sobre o livro que lê (atividade pós leitura exigida pela escola, além do preenchimento da ficha de identificação do livro), pois acredita não ter talento para tal arte, e talvez isso acentua o meu interesse em estudar mais sobre as possibilidades de trabalho com a leitura para bebês e crianças pequenas, já que essas ainda não têm grandes habilidades com desenhos, podendo ser explorado muitas outras atividades que gerem a interação delas com os livros e as histórias.



Acredito que ler para as crianças, com dedicação ao momento em que está acontecendo, além de propiciar que elas entrem em contato com a história que ainda não podem ler por si só, também cria memória afetiva, lembro com carinho do meu avô lendo a Bíblia para nós, seus netos, e hoje quando a leio ainda sinto a presença dele.

É nesse sentido, que ao ler os livros infantis para minhas filhas, inclusive para a bebê posso perceber o quão importante é essa interação entre mediador (leitor, professor) com o livro, com a história e com os sujeitos à sua frente, e nesse momento percebo então que elas estão em uma situação de privilégio por ter contato com livros e com leitores, pois segundo Zilberman (2003) a sala de aula ainda tem sido considerado espaço privilegiado e extremamente útil para que o gosto da leitura se desenvolva, assim como a cultura literária, sendo necessário inclusive, segundo a autora, que haja um “redimensionamento” de tal relação para que a literatura infantil seja *“o ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim”* (ZILBERMAN, 2003, p.16).

Nunca me imaginei cursando uma graduação estando casada, com uma filha e no final do percurso surpreendida com uma nova gravidez e agora, redigindo o TCC com uma bebê amamentando, mas seguindo em frente, posso dizer com certeza que todo o tempo que tenho dedicado aos estudos tem sido motivação para que minha filha mais velha se dedique também aos estudos dela, sobretudo no momento em que estamos vivendo, de uma Pandemia, cuja aulas estão acontecendo de forma remota. Quero dizer com isso que a motivação com a qual apresentamos as coisas às crianças também servirá de motivação a elas, e a leitura com certeza é uma das mais importantes “coisas” para um pedagogo se tornar fonte inesgotável de estímulo.

Por isso creio que o contato com o livro e a literatura deve vir o quanto antes, quando ainda bebê e na primeira infância, comigo foi assim, quanto mais eu era apresentada ao universo literário, mais eu queria estar dentro dele, pois não é possível se fascinar por algo totalmente desconhecido, e sendo assim, como afirma Zilberman (2003) a literatura pode se tornar prazer ao mesmo tempo em que se faz instrumento de conscientização da criança.

Dessa forma, finalizo o meu relato afirmando que cada vez mais me interessa em pesquisar a formação do leitor desde que esse adentra o espaço escolar, o que tem acontecido cada vez mais cedo, com bebês chegando aos berçários ainda com seis meses de idade e que devem sim ser apresentados a leitura de qualidade, devendo nós como professoras estar preparados para assumir tal responsabilidade e concordo com Bajard (2014, p.19) quando diz que *“cabe à instituição escolar a responsabilidade de assegurar a aprendizagem da leitura*

*em voz alta, como primeira habilidade a ser dominada*”. Esse é o nosso desafio na educação: ler para nossos bebês e crianças e formar leitores para vida!

## **O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: POSSIBILIDADES DE TRABALHOS COM BEBÊS E A PRIMEIRA INFÂNCIA**

Ao longo da história as concepções de infância foram se construindo e a percepção da criança como sujeito que é historicamente construído começou a fazer parte dos debates em diversas áreas como psicologia, sociologia, filosofia, religião e a mídia, dentre outras, mas segundo Azevedo e Sarat (2015) ainda há muito a ser investigado, sobretudo no que diz respeito à educação das crianças que na contemporaneidade passaram a ser consideradas como sujeitos com particularidades e singularidades que merecem ser respeitadas e contextualizadas.

Houve uma valorização da infância que trouxe o respeito a essa faixa etária e, além disso, gerou segundo Zilberman (2003) uma maior união familiar, o que deu entrada para mudanças que foram acontecendo inclusive na educação das crianças.

Essas mudanças que foram acontecendo sobre a percepção da infância mostraram que existem vários caminhos a serem seguidos que permitem a sua compreensão e complexidade o que ainda hoje gera questionamentos no setor educacional brasileiro e, sobretudo na Educação Infantil, onde se espera que haja aos poucos o abandono da visão do “educar” as crianças somente para o assistencialismo, principalmente aquelas bem pequenas, pois segundo Silva e Miyoshi (2018, p.28), elas possuem necessidades que vão além dos cuidados básicos, e que cabe ao adulto estimular essas crianças de forma que as façam conhecer o mundo e seu universo de possibilidades e potencialidades.

Nesse sentido, as autoras Arena e Valéria (2020, p.10) destacam que “entender as concepções de infância, de criança, de professor e de educação infantil como categorias inter-relacionadas, o que permitem problematizá-las, contextualizá-las no tempo e espaço históricos” é condição extremamente essencial, pois para que o ato de educar seja sinônimo de práticas que transformam o sujeito é preciso que toda a instituição escolar e o sistema educacional estejam pedagogicamente alinhados a orientar as crianças desde bem pequenas em uma trajetória que envolva não tão somente o cuidar, mas o educar, entendendo um como sendo indissociável do outro.

As crianças possuem seu jeito próprio de perceber o mundo e a literatura pode oferecer possibilidades e oportunidades para que, segundo Baptista (2015, p.3) elas “possam dialogar com diferentes pontos de vista” afirmando a importância de se prover o acesso ao livro literário desde bebê, já que quanto mais precocemente elas são imersas nessa cultura mais cedo descobrirão a sua importância para o mundo letrado, para a comunicação e para a cultura de forma geral, e complementa:

Aproximar as crianças do universo literário, desde muito cedo, é mais que entregarmos a ela um mero instrumento ou “código verbal”. A literatura pode se constituir como um passaporte para lidar com valores e juízos, com pesadelos e sonhos, com a construção da própria história pessoal calcada no diálogo com a história dos outros, com a história de todos nós. (BAPTISTA, 2015, p.4).

Dessa forma podemos inferir que o contato com o livro desde bebê inicia o processo cultural mediado necessário para que a criança vá crescendo e se identificando com o literário e com as marcas que esse traz consigo como imaginação, criatividade e percepção de mundo o que, segundo a mesma autora, vai proporcionando na criança um desenvolvimento mental mais elaborado que a nosso ver independe do fato dela já saber ou não ler.

Vale destacar que as funções mentais básicas com as quais a criança já nasce e que são identificadas por Vygotsky (2007, apud RIBEIRO, SILVA E CARNEIRO, 2016) como sendo a atenção, sensação, percepção e memória, vão se modificando através do contato da criança com a cultura, e aqui podemos incluir as marcas deixadas pelo mundo literário. Então, é importante pensar na leitura em voz alta como uma das possibilidades que podem ampliar o contato da criança desde bem pequena com um universo cultural capaz de se ampliar à medida que essa criança passa a atribuir sentido à literatura e ao passo que vai se relacionando com o livro e sua história, com as pessoas e com a sua própria cultura.

A escola pode e deve fazer com que esse contato seja efetivo de tal forma a contribuir nesse processo de desenvolvimento mental e cultural que dentre todos os elementos favorece não só a formação integral do sujeito, mas também, como sugere Millavava (2019), para o seu gosto pela história lida, já que segundo ela, a literatura infantil tomada como prática desde cedo na escola contribui para o crescimento emocional e cognitivo da criança, despertando conjuntamente a criatividade e o interesse pela leitura.

Com tudo isso, podemos perceber e destacar que com o surgimento das novas concepções de infância e da distinção da criança como ser singular foi que se viu a necessidade de haver uma literatura específica para tal público – a literatura infantil – mas que

se iniciou de maneira intencional, segundo Postman (1999), após o século XVII, com o intuito de ensinar, através das lições de morais contidas nas histórias infantis, valores e padrões atribuídos pela sociedade.

Após esse período, a expansão da literatura infantil trouxe a sociabilidade da contação de histórias e da leitura em voz alta, ou seja, nas palavras de Bajard (2014, p.35) ocorreu a volta da “transmissão vocal do texto”, porém com mais naturalidade e como dito anteriormente, a tomada de consciência da existência de um universo infantil contribuiu essencialmente para tal fato, levando os autores a redirecionarem as temáticas infantis, e a adaptarem “a língua escrita às capacidades de linguagens do público infantil” (ibidem, p.36) e com essa adaptação veio também o aumento das ilustrações que foram deixando de ser apenas meros enfeites para também contar uma (ou a) história dentro do livro.

Já a relevância do trabalho com literatura na educação infantil tem sido discutida ao longo dos últimos anos, mas, no entanto, com maior ênfase na escolarização e alfabetização, dessa forma os estudos que incluem o trabalho de literatura com bebês e as crianças bem pequenas ainda são escassos.

Entendemos que a escola é o local privilegiado de acesso à cultura literária, já que inúmeras famílias não possuem o hábito da leitura ou nem mesmo condições para aquisição e fomento de tal cultura aos seus filhos, e de acordo com Zilberman (2003) mesmo que haja intenção pedagógica na relação entre a literatura e ensino, a primeira não pode ser afastada da sala de aula, contudo é preciso ter o cuidado para que o caráter estritamente pedagógico não faça com que o aluno se perca do desejo e do gosto pela leitura.

Diante disso a autora aborda que apesar desse caráter pedagógico atribuído ao ensino e ao uso do livro na escola, a literatura infantil possui algumas peculiaridades estruturais que podem além de transmitir informações e ensinamentos morais como abordado acima, possibilitar ao leitor ou ouvinte o engrandecimento das suas capacidades intelectuais (ZILBERMAN, 2003, p.46) subsidiando, por conseguinte, a formação do sujeito ao ampliar seus horizontes cognitivos como leitor.

Destacamos também um alerta que a autora faz sobre essa duplicidade que é mesmo própria da natureza da literatura infantil que quando percebida pela ótica do adulto se desvela no caráter pedagógico e intencional, transmitindo normas e moralidade, enquanto por outro lado, ao se comprometer com os interesses da criança possui a capacidade de, através da fantasia, fornecer acesso ao real (concreto) pela ordenação das experiências existentes e pelo conhecimento da história, e que esses motivos não devem ser razões para que o adulto

desprestígie a literatura infantil, pois a mesma tem muito a oferecer à criança quando examinada à luz literária (ZILBERMAN, 2003).

Bajard (2014) ainda afirma a importância da literatura na escola quando diz que é possível perceber a diferença no processo de alfabetização entre os alunos que possuem a prática da leitura em suas casas dos que não a possuem, da facilidade que encontram ao descobrir o código alfabético já que a função da escrita faz parte do seu cotidiano, induzindo assim a entendermos o quanto se faz necessário que as crianças tenham a oportunidade desse contato com o livro e com a leitura literária antes do processo de alfabetização ou decodificação da escrita iniciar-se efetivamente, já que segundo o mesmo autor “não existe idade mínima para a criança ser apresentada com obras de literatura infanto-juvenil” (BAJARD, 2014, p.15), e se a escola o fizer o quanto antes, o presente se faz, no futuro, benfeitoria para ambos.

A literatura infantil então, e o contato com o livro desde a mais tenra idade é importante não somente para trazer a criança ao universo letrado, mas também para o universo da fantasia, proporcionando prazer e estimulando, segundo Machado (2015), a curiosidade, imaginação e as relações afetivas, podendo então o pedagogo/a alinhar as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil ao ato lúdico da leitura literária.

Com isso remetemos que com as crianças menores a interação e afetividade vão sendo propiciadas através da voz do seu interlocutor, sendo então possível que a literatura infantil seja utilizada de maneira que possa propiciar todas essas possibilidades, pois aos olhos do leitor o texto é sempre idêntico, mas a cada conto e reconto, a cada novo leitor com uma nova voz, a leitura ganha vida nova, como num prazer que vai sendo sempre renovado e revivido pela criança que está sempre ávida por ouvir de novo e de novo a mesma história (BAJARD, 2014, p.34).

Ao analisarmos a importância da literatura infantil para bebês e primeira infância estamos tentando demonstrar o quanto se faz necessário que esse contato com o livro tenha sentido não só para essas crianças, mas também para os educadores que de antemão necessitam avançar na concepção de desenvolvimento infantil, pois segundo Zilberman (2003, p.170) o crescimento da criança vai ganhando novo sentido conforme a mesma vai sendo imersa ao mundo das palavras escritas e vai atribuindo valores e sentido a esses códigos, modificando sua condição ao passo que vai se convertendo em um leitor.

Com a convicção da necessidade de relacionar o ensino, a literatura, o livro e sua leitura ao desenvolvimento infantil, deixamos claro que o contato do bebê e da criança pequena com a escrita e com a literatura se dá enfaticamente pela escuta da leitura, ou seja, a

criança só tem acesso aos livros e à leitura pela mediação do adulto, pela narrativa e pela ilustração do que lhes é apresentado ao nível dos seus pequenos olhos que une a criança ao livro, mostrando o quão se torna extremamente importante que esse trabalho se inicie nas escolas o mais brevemente possível.

Dentro desse contexto é possível afirmar que o trabalho do professor responsável pela educação dos bebês e crianças pequenas que adentram a educação infantil precisa estar com olhos voltados para a criança, incluindo ela, de acordo com Silva e Miyoshi (2018) como protagonista na construção do seu próprio saber e conhecimento, ancorando a Educação Infantil em boas escolhas de conteúdo que sejam relevantes à sua formação e vida, e consideramos nesse estudo a literatura como sendo uma dessas escolhas, de forma que esse profissional possa desenvolver de maneira lúdica e prazerosa o trabalho de leitura, contribuindo para a iniciação da formação de leitores através da literatura infantil.

Essa ideia de que é possível ter como foco a formação de leitores através do trabalho com literatura infantil é corroborada por autores como Kaercher (2011, p.135) que aborda sobre a inserção desse trabalho de modo prazeroso e eficaz, com ações pedagógicas que estejam no cotidiano escolar do berçário e das primeiras turmas da Educação Infantil, assumindo tal atividade como, nas palavras da autora, um “compromisso institucional”.

E para que seja eficaz o trabalho da literatura infantil não basta segundo essa mesma autora, ler ou contar as histórias presentes nos livros, é preciso estar atento à organização do espaço e do tempo, o planejamento adequado e prévio, e acima de tudo, o compromisso da instituição e dos profissionais que vão assumir o papel de leitor literário, até mesmo com formação específica para tais educadores.

No entanto, para que todas as possibilidades de trabalho literário sejam exploradas é inevitável a reflexão sobre a prática pedagógica executada nas salas iniciais de Educação Infantil carregando para os educadores a importância da formação contínua e do fomento da afetividade ao trabalhar com crianças pequenas, e segundo Baptista et.al (2015) a afetividade e o encantamento trazidos pela leitura em voz alta são importante inclusive para iniciar o bebê no universo literário.

E dessa forma vamos percebendo, que o sucesso em contemplar os objetivos esperados com as atividades literárias, principalmente no tocante à leitura em voz alta, está essencialmente no planejamento e no conhecimento prévio da leitura e do livro pelo leitor (narrador), pois segundo Melo e Neves (2005) o que prende a atenção do ouvinte que ainda não sabe ler é justamente a emoção, encantamento, originalidade e envolvimento ao mundo da

fantasia que fascinam na literatura infantil, sendo esse então, o “alicerce, o início, para a formação psicológica da criação para o gosto da leitura” (MELO E NEVES, 2005, p.3).

Precisamos lutar por políticas públicas que grantam bibliotecas dedicadas também à Educação Infantil, com materiais propícios e que gerem curiosidade das crianças bem pequenas, já que nesse espaço, elas teriam melhor oportunidade para desenvolver o gosto e hábito de leitura de maneira prazerosa, bem como orientação e espaço adequado para realização de atividades lúdicas que envolvam o livro e suas histórias, fazendo com que as crianças tenham o contato com a fantasia, que brinquem com a história ouvida, que interajam com o livro de forma agradável e natural como afirmam Melo e Neves (2005, p.6), pois dessa forma passam a ter a oportunidade de verdadeiramente conhecerem a literatura infantil e se fascinarem por ela.

O livro para ser apresentado precisa estar adequado à faixa etária e para que possam interagir com ele no sentido mais amplo da palavra os pedagogos/as devem, segundo Kaercher (2011, p.138), “aceitar que o livro será alvo de manipulação intensa, será cheirado, mordido, amassado, esfregado, arrastado etc”, devendo então, o livro, oferecer além do conteúdo literário, segurança a essas crianças menores.

Outro ponto fundamental é que para esse trabalho não há a necessidade de uma rotina rígida, pois esse contato com o livro, como dito, deve acontecer de forma espontânea, garantindo os direitos da criança em conviver, brincar, participar e explorar, porém, a falta de rigidez na rotina não significa falta de planejamento, para tanto é importante ter o cuidado em estar sempre recriando as situações, para que esse contato não “perca a graça”, cabendo ao educador “recriar o encontro entre a criança bem pequena e o livro, para que os bebês cercados de estímulos desafiadores voltem a sentir prazer com esse encontro e redescoberta” (KAERCHER, 2011, p.138).

Visto isso o espaço para a leitura não precisa, necessariamente, ser o mesmo todos os dias, usando a diversidade e disponibilidade de locais que houver na escola para que os estímulos sejam cada vez mais desafiadores e ricos, e que possam aos poucos e rotineiramente irem cultivando as crianças para esse universo próprio que é o da leitura.

Compreendendo a interação dos bebês e crianças pequenas com o livro que é diferente das crianças maiores que já lidam bem com o papel, é preciso entender que todo o contexto da leitura importa, inclusive o material em que é fabricado o livro, se possuem diversas linguagens, sons, texturas, aromas entre outras informações que possam ser relevantes ao universo de desenvolvimento infantil, pois de acordo com Kaercher (2011) tais particularidades devem ser priorizadas na escolha do livro e que na falta de oportunidades

para a compra, pode e deve ser improvisado pelo próprio educador, garantindo que as crianças e bebês tenham também através do livro e da leitura em voz em alta a experiência de brincar e explorar, direitos de aprendizagem garantidos pela BNCC (BRASIL, 2017).

Além disso, Kaercher (2011) também afirma que a sonoridade com que as narrativas são feitas ganha espaço no envolvimento dos bebês e crianças menores de dois anos, oferecendo oportunidades para que se concentrem na história, principalmente se nos livros contiverem imagens grandes e coloridas que sequenciam a história lida, podendo dessa forma conduzir esses pequenos à participação efetiva na atividade, envolvendo-os desde à escolha do material, da história, do ambiente, quanto no momento da leitura em si, trazendo-os para dentro da história como se todos fossem um, garantindo assim o direito a participação ativa das crianças no processo.

Várias então são as possibilidades de trabalho da literatura infantil na escola, porém cabe ressaltar que é preciso entender a responsabilidade, enquanto pedagogo/a em prover que desde as primeiras etapas da Educação Infantil aconteça o contato com os livros, pois quanto mais esse entendimento fizer parte dos planejamentos pedagógicos, maior será o comprometimento com a formação do leitor literário desde a sua chegada no espaço escolar, e não somente quando esse estiver em fase de alfabetização.

Como dito anteriormente, esse trabalho com o livro na primeira infância começa com a escolha dos mesmos, que desde já devem considerar o tamanho, qualidade das ilustrações, peso, material, ludicidade, para que correspondam ao tamanho das crianças e seus interesses para que assim elas caiam no gosto do livro e da leitura, devendo pois a intencionalidade da leitura para bebês e crianças pequenas não estar condicionada à alfabetização (pois haverá tempo para tal), mas sim ao fomento pela leitura literária e pelo livro que vão sendo guiadas pelos personagens, ilustrações, ambientes presentes nos livros.

Os livros infantis tendem a se fazer fascinar facilmente por tudo o que há neles, principalmente os personagens que segundo Ferreira e Campagnoli (2019, p.195) se divertem, se emocionam, roncavam, brincam, amam, são bem-humorados, corajosos, estejam num circo ou em um hospital, estejam saudáveis ou doentes e que por fim, têm um final feliz, tal qual anseiam e se inspiram as crianças.

Além disso não se pode esquecer que o bebê e a criança bem pequena vive em um mundo específico de ludicidade e faz de conta, fase essencialmente importante para o seu desenvolvimento e que vai além do simples brincar, pois de acordo com Miranda (2013, p.18) pelas experiências lúdicas a criança vai construindo os sentidos pessoais, constituindo seu modo de agir e de pensar à medida que vão desenvolvendo e expressando sua imaginação,



gestos, linguagem (verbal e não verbal), sendo então necessário que o profissional tenha consciência da sua conduta ao lidar com esse público específico, respaldando suas práticas, ainda citando a autora, em saberes constituídos de reflexões sobre os fundamentos e princípios teórico-metodológicos, para que, desconstruindo concepções arraigadas possam inovar sua atuação ao passo que vão construindo novos conceitos.

Ao trabalharmos então com leitura em voz alta com bebês e primeira infância se faz necessário que tenhamos o olhar voltado a eles, tendo clara a história que vamos contar, estando atento ao tom de voz, aos gestos que desencadeiam o significado das palavras, aos sons que podem ser emitidos pela boca ou pelos gestos, e tudo sem desviar a atenção que eles merecem em detrimento ao livro e à própria história, pois “a princípio, a significação do texto fica em segundo plano, uma vez que o que o bebê leva em consideração é a cadência das palavras e os sentimentos que elas despertam” (BAPTISTA, 2015, p.5), estando atento a esse trabalho com a leitura podemos concordar com Kaercher quando diz que “priorizando a ludicidade, a partilha, a escuta atenta dos interesses e curiosidades das crianças, poderemos promover uma formação de leitores qualificada, comprometida e, sem dúvida, inesquecível” (KAERCHER, 2011, p.142).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que literatura é a base para a iniciação da formação do leitor e a escola é o local privilegiado onde a maioria das crianças tem a acesso ao livro literário, no entanto podemos concluir que para a iniciação da formação do leitor acontecer efetivamente é preciso que essa apresentação seja de forma natural e primordialmente lúdica, já que as crianças menores tem ainda a necessidade de permear por esse espaço da brincadeira e da imaginação.

Entender o trabalho com o livro partindo de um palnejamento que inclua não só a escolha pela narrativa da história mas como também pelas características físicas do livro, como aponta Kaercher (2011), prevendo a interação dessas crianças bem pequenas e os bebês com o material, permitindo a sua manipulação por completo enquanto entra em contato com a sonoridade da leitura feita de forma lúdica e criativa pelo pedagogo/a é primordial para tal prática pedagógica.

Contudo enfatizamos a importância da apresentação e do contato com o livro como um hábito a ser construído na Educação Infantil desde o berçário, já que em casa a maioria dos bebês e crianças da classe trabalhadora não possuem acesso a literatura. Vale destacar também que não basta a leitura em voz alta para dizer que começa a formação do leitor, é preciso mais que isso, é preciso que, como diz Machado (2015) o papel do educador seja o de propiciar experiências positivas com o livro e suas histórias, instigando as crianças a se tornarem leitores além de críticos, encatados pelo mundo da leitura, propiciando por meio dessa mediação além da formação de leitores, também o desenvolvimento infantil pleno.

Enfim, voltando-me ao cunho pessoal e a tudo que esse trabalho me permitiu refletir a partir da minha história de vida, repensar o processo educativo de formação de sujeitos leitores é fundamental para que possamos compreender a importância do acesso a literatura para todas as pessoas, em especial para as crianças mais vulneráveis, que em sua maioria só terão essa oportunidade na escola. Esse então é o nosso desafio!

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos D; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo M; BRAGA, Rubem. **Para gostar de ler**. In: Crônicas. p.1. Ática; 28ª edição. 2000. Disponível em: [https://www.academia.edu/23886978/Cr%C3%B4nicas\\_1\\_PARA\\_GOSTAR\\_DE\\_LER\\_1](https://www.academia.edu/23886978/Cr%C3%B4nicas_1_PARA_GOSTAR_DE_LER_1). Acesso em 30 de agosto de 2021.
- ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de. **Educação Infantil I**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2020. 83p.
- AZEVEDO, Gislaine; SARAT, Magda. História da infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. **Educação e Fronteiras On-line**. Dourado/MS, v.5, n.13 p.19-33, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5176>. Acesso em 23 de agosto de 2021.
- BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à literatura**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BAPTISTA, Mônica Correia et.al. **A formação de professores e a leitura literária na educação infantil**: a experiência de um projeto de pesquisa-ação. ANAIS DO II CONBAIf- Associação Brasileira de alfabetização. 17p. 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NLSLqx0NyUro2Ho0WZJYgvMgAOj4NhuD/view>. Acesso em 28 de agosto 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. 660p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 10 de agosto de 2021.
- CAMILO, Telma Cristina. A periodização do desenvolvimento infantil: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 8, n.2, p. 130-139, 2008. Disponível em: <file:///D:/A%20Pedagogia/PEDAGOGIA%20ANO%202021/TCC/Desenvolvimento%20infantil%20artigo.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2021.
- CAMPOS, Paulo Mendes. **Para Maria das Graça**, in Para gostar de ler; crônicas, São Paulo, Ática, 1979, v. 4, p.73-76. Disponível em: [https://www.academia.edu/23886978/Cr%C3%B4nicas\\_1\\_PARA\\_GOSTAR\\_DE\\_LER\\_1](https://www.academia.edu/23886978/Cr%C3%B4nicas_1_PARA_GOSTAR_DE_LER_1). Acesso em 08 de agosto de 2021.
- CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Métodos de pesquisa**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. p.185-209. ISBN 978-85-363-0892-0 1.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; CAMPAGNOLI, Juliana Pinto. Quando o alfabeto é o protagonista nos livros para crianças. **Revista Brasileira de Alfabetização –ABAIf**.ISSN: 2446-8584. Belo Horizonte, MG | v. 1 | n. 9 | p. 191-209 | jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/341>. Acesso em 15 de setembro 2021.

GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares; REZENDE, Cacia Valeria de; BRITO, Ana Maria Plech de. **O conceito de memória na obra “Matéria e Memória” de Henri Bergson.** COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. VI. 2012. São Cristóvão. SE. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10181/37/36.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2021.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **Literatura infantil e educação infantil: um grande encontro.** UNIVESP, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.pdf>. p.135 - 142

MACHADO, Heloíse Martins. A literatura infantil, a contação de histórias e o processo inicial de escolarização: em discussão a proposta do MEC. **EDUCERE XII** - Congresso Nacional de Educação. PUCPR 26 a 29/10/2015. p.7637-7651. ISSN 2176-1396. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20759\\_8796.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20759_8796.pdf). Acesso em 13 de julho de 2021.

MIRANDA, M. I. **Educação Infantil II.** Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2013. 71p.

MELO, Maurizeide Pessoa de; NEVES, Dulce Amélia de Brito. **A importância da biblioteca infantil.** Biblionline. V. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/PROFAD~1.FER/AppData/Local/Temp/.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2021.

MILIAVACA, Rosângela da Rosa. A importância da Literatura na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização-ABALF..** | ISSN: 2446-8584 Belo Horizonte, MG | v. 1 | n. 9 | p. 191-209 | jan./jun. 2019. Disponível em: [http://gephishop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a\\_importancia\\_da\\_literatura\\_na\\_educacao\\_infantil.pdf](http://gephishop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_importancia_da_literatura_na_educacao_infantil.pdf). Acesso em 09 de maio 2021

MOTA, Ana Roberta. **Levantamento bibliográfico, primeiro passo para a pesquisa.** Biblioteca Setorial do CCEN da UFPB. 2019. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/bccen/contents/noticias/levantamento-bibliografico-primeiro-passo-para-a-pesquisa>. Acesso em 20 de julho de 2021.

POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância.** Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo, cap. 1-2. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8QYbRZ9vZgdvYWmDVFmpV4C/>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

PRADO, C.G. **Psicologia da Educação I.** Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2011. 84 p

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do Leitor.** PG – UEM. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf). Acesso em 22 de julho de 2021.

RIBEIRO, Lady Daiane Martins; SILVA, Renata Limongi França Coelho; CARNEIRO, Ludimila Vangelista. **Vygotsky e o desenvolvimento infantil**. No livro: Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras. ISBN: 9788580391664. Formato: E-Book em PDF. Ano de Publicação: 2016. P. 393-409. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580391664/23.pdf>. Acesso em 23 de julho de 2021.

SÁ, Marcio Gomes de; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. Aprendendo com as narrativas num estudo sobre reflexividade e articulação empreendedora. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.43(1), p.175-205, jan./fev. 2009. ISSN 0034-7612. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/syDWdcwJxz5JZ7JRxQXdKMg/?lang=pt>. Acesso em 08 de julho de 2021.

SANTOS, Monalizerigon da; VARELA, Simone. A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: [https://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_04.pdf](https://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_04.pdf). Acesso em 30 de agosto de 2021.

SILVA, Fernanda Duarte Araújo; MIYOSHI, Simone Cléa dos Santos. Concepções de infâncias: alguns diálogos. In: PRADO, Claudio Gonçalves; SILVA, Fernanda Duarte Araújo; SOUZA, Vilma Aparecida de; (Org.). **Infância: olhares que se entrecruzam**. Ituiutaba: Barlavento, 2018. p.27-47. Disponível em: <https://asebabaolorigbin.files.wordpress.com/2018/09/infancias-ebook-publicar.pdf>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

SILVA, Fernanda Duarte Araújo; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de. **Expressão Lúdica**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2018. 51p.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Revista Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em 08 de julho de 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.